ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 23 DE SETMBRO DE 1900 N.° 851 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 58

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.° Anno

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Como vimos, a educação nos collegios jesuiticos é, ao contrario do que geralmente se diz, tudo quanto ha de peior sob o ponto de vista scientifico, litterario, physico, civico e moral.

Não faltam liberaes que mandam educar os filhos e as filhas nos collegios jesuiticos sob pretexto de que só os jesuitas ensinam bem. Ora isto é um engano, tanto mais prejudicial quanto é certo muita gente estar convencida d'essa mentira. Para muitos não é um subterfugio, é uma convicção.

Vimos o que o sr. Marianno de Carvalho, que a ninguem póde ser suspeito de livre-pensador, de revolucionario, de atheista, disse na camara dos deputados, em sessão de 16 de março de 1883, sobre o regimen interno e o ensino nos collegios das congregações religiosas prohibidas pelas leis do paiz. Vimos o que dissse a commissão, nomeada pelo governo, no relatorio publicado pelo sr. Souza Refois, lente de medicina na Universidade de Coimbra, o qual tambem não é, nem póde ser suspeito, como nenhum dos membros da referida commissão. Um alumno de um collegio jesuitico, *approvado com distincção*, apreciava todo o movimento revolucionario de 1789 a 1793, em França, dizendo «que a revolução franceza foi um grande mal, pois que d'ella nasceram todas as idéas de liberdade, que desde então se têm espalhado por toda a Europa».

Tal e qual, segundo o relatorio citado, o que os alumnos do mesmo collegio, annos antes, respondiam aos examinadores, em Castello Branco. «Que da revolução franceza resultaram ainda peiores males, que da liberdade de imprensa.» Censurando o presidente da meza uma tal apreciação, os rapazes voltaram no dia seguinte a dizer o contrario, elogiando calorosamente a revolução franceza e tudo quanto agradava aos examinadores!

E' o que diz o sr. Grainha, a pag. 184 do seu já referido livro:

«Ora a sua orientação (dos professores dos collegios jesuiticos) é propositadamente atrazada, improgressiva, anti-liberal, mais que anti-liberal, reaccionaria.

Seria curiosissimo, para um homem conhecedor, assistir ás aulas de historia, litteratura e philosophia, regidas por estes professores. São estas as disciplinas de que elles fazem o seu cavallo de batalha. Se não ensinassem outras, procurariam ensinar estas; é a estas que principalmente attendem, é para estas que escolhem professores, com maior cuidado e vigilancia.

Não quer isto dizer que escolhem os mais conhecedores e os mais intelligentes, não; escolhem os mais ferrenhamente retrogados, os mais profundamente inoculados de jesuitismo.

O professor de litteratura hade ser um professor que abomine tudo quanto não seja classico, que odeie tudo quanto cheire a liberdade e naturalismo em litteratura.

O professor de historia hade ser um homem fanatico, que não trepide em defender a inquisição mesmo quando condemnava os vultos de maior valor do seu tempo como Gallileu e Giordano Bruno; que exalte os reis que protegeram os Jesuitas, como D. João III e o Cardeal D. Henrique; que faça do Marquez de Pombal um carrasco brutal, sem talento nem coração. O professor de historia tratará de lançar a nodoa do desprezo e do ridiculo sobre os historiadores que se opponham ás suas ideias e manobras.

Conheci um professor Jesuita, n'um collegio, que chamava a Herculano, por desprezo, *o azeiteiro*.

Entretanto o professor Jesuita, depois de desprestigiar o Marquez de Pombal, depois de louvar a Inquisição e os Jesuitas e de amaldiçoar a Revolução franceza, ensinará aos seus alumnos umas respostas hypocritas para illudir os professores officiaes nos exames.

Assim, por exemplo, falando a respeito dos Jesuitas dirá aos alumnos que, se lhes constar que o examinador não é affecto aos Jesuitas, poderão no exame expôr o que em certos livros das aulas se lê contra elles embora sintam o contrario e a verdade seja o contrario.

A respeito de Pombal dirá aos alumnos que nos exames officiaes o elogiem por certos actos, como o levantamento de Lisboa depois do terramoto. E' ainda a escola jesuitica da hypocrisia posta em acção.»

Por conseguinte, torpes e hypocritas!

Ensinam aos rapazes todas as torpezas. Mas ensinam-nos logo, tambem, a dizer o contrario nos exames, a mentir, para agradar aos examinadores!

E isto é geral. E' em todo o mundo assim porque é da essencia do proprio jesuitismo.

Paul Bert, que era um grande homem de sciencia, dizia, n'um dos discursos que pronunciou na camara franceza sobre a discussão da lei Ferry, discursos que se encontram no seu excellente livro, tambem já por nós, e em varias occasiões, aqui citado: *La Morale des Jésuites*, o seguinte, pag. 591 e 592:

Não falarei aqui do ensino scientifico, que pouco interessa á camara, ensino, aliás, que está todo n'aquella maxima de Joseph de Maistre, maxima cujo espirito domina toda a educação jesuitica: «A ignorancia vale mais que a sciencia, porque a sciencia vem dos homens e a ignorancia vem de Deus.»

Do ensino moral falarei quando discutir o art. 7 na especialidade e veremos então se a casuistica moderna differe muito das repugnantes maximas de Sanchez e Liguori.

Mas quereis vêr, já que nós constituimos aqui uma assembleia politica, o que elles ensinam em politica?

Quereis vêr o que, sob esse ponto de vista, apprende o alumno?

Apprende que «a Egreja deve ser considerada soberana e dominar de alto todos os governos seculares que só teem deveres para com ella quando ella tem todos os direitos.» Apprende que «mesmo nas questões de simples utilidade social, o governo nada póde fazer senão tiver o assentimento da Egreja.» Apprende que «a lei, tal como a fez a Revolução e como nós a praticamos, é uma seducção satanica, mais perigosa que todas as violencias.» Apprende—e isto são palavras sagradas—que «será lançado o anathema contra qualquer que pretenda que pertence ao poder civil determinar quaes são os direitos da Egreja e em que limites os póde exercer.» Apprende da bocca de Gregorio XVI que a liberdade de consciencia é um delirio: *deliramentum*. Apprende, da bocca do ultimo papa, que o suffragio universal é uma mentira universal; que é uma loucura pretender que os cidadãos tenham direito á liberdade de manifestar a sua opinião; apprende, n'uma palavra, a desprezar—e d'ahi até os odiar vae só um passo—todos os principios sobre os quaes repousa o nosso estado social, o nosso estado politico.»

Os mesmos em toda a parte!

A lucta contra a sciencia é sustentada ainda hoje com a mesma tenacidade de ha dois e tres seculos. Hoje não se queima Giordano Bruno, nem se persegue atrozmente Galileu, nem se condemna Bacon a prisão perpetua, nem se tortura Campanella, nem se faz morrer Kepler na miseria, porque a evolução dos tempos já o não permitte. Mas a vontade é egual, mas o espirito de resistencia e de perseguição é o mesmo. Supprimem-se jornaes; mettem-se na cadeia os jornalistas que se abalançam a erguer voz audaciosa contra as congregações que a lei eliminou e que não se atreveu ainda a restaurar; incitam-se do pulpito as multidões ignaras das aldeias a odiar os partidarios da civilisação; chama se brutamontes ao marquez de Pombal e azeiteiro a Alexandre Herculano.

Não se erguem forcas, nem se accendem fogueiras porque o progresso é um facto. Mas o espirito de resistencia á sciencia, mas o rancor e o desejo de vingança é o mesmo.

Ainda no principio d'este seculo Fernando VII de Hespanha mandou despedir os professores de sciencias da Universidade de Salamanca e excluiu de todas as universidades hespanholas os professores partidarios das doutrinas de Newton, exclusão que se manteve até ha poucos annos. O imperador d'Austria tentou a mesma coisa. Gregorio XVI e Pio IX quando não impediram difficultaram as reuniões de associações scientificas na Italia. (1)

Vulpian e Sée, os dois notaveis medicos e cathedraticos francezes, foram vivamente atacados pelos seus estudos biologicos. O mais violento inimigo de Jenner, o dr. Moseley, publicou o seu livro *Lues Bovilla* sob a protecção do bispo de Dromore. Quando, em 1885, rebentou em *Montréal* uma epidemia de bexigas, a população catholica revoltou-se contra a vaccina obrigatoria, revolta incitada e apoiada pelo clero.

Em 1885! Hontem!

Quando os periodicos falaram n'uma missa resada pelos capellães dos hospitaes de Lisboa por alma de Camara Pestana, um jornal clerical de Vizeu—*A Revista Catholica*—insurgiu-se contra a idéa, apontando os medicos como materialistas e, portanto, inimigos da religião. Sobre o medico Bombarda tem cahido toda a horda de roupeta por aquelle illustre professor sustentar o *determinismo* em opposição ao *livre arbitrio*.

A reacção religiosa ás affirmações da sciencia é constante. Hoje como hontem são os clericaes que ella encontra sempre pela frente, contestando-a, negando-a, perseguindo os sábios com a fogueira, com a forca, com a má vontade do poder civil alliado da Egreja, ou com doestos e calumnias, quando outras armas já não tenha.

E são esses os homens que se propõem dirigir o ensino! D'esses dizem os ignorantes que são os melhores mestres conhecidos! Aos collegios jesuiticos concorrem os filhos e as filhas das classes mais elevadas da sociedade portugueza.

Profunda ignorancia. Desgraçada cegueira.

Isto pelo que toca ao ensino litterario e scientifico. O ensino moral é de tal ordem que Paul Bert, cuja grande auctoridade, em questões de sciencia e de ensino, é verdadeiramente incontestavel, declarava que não podia lêr á camara franceza, por decencia, um dos livros adoptados no *Sacré-Coeur*!

«Confessemos que é uma situação estranha não se poder lêr n'uma tribuna franceza, n'uma assembleia de homens, n'um auditorio d'adultos, o que foi escripto para ser lido, meditado, reflectido em particular por uma rapariga!»

Isto vem a pag. 623 do livro que tantas vezes temos citado: *La Morale des Jésuites*, edição de 1882.

Quem tiver duvidas, que as vá lá tirar.

E eis porque tudo que sahe do *Sacré-Coeur* vem com tanto amor á reacção e com ella se esforça por apagar os ultimos pruridos de tesura n'um paiz outr'ora tão viril e hoje tão minado de impotencia.

A virilidade era dos bons tempos antigos. Hoje o *Sacré-Coeur* tem outros luxos.

E por isso a *Patria* foi apanhada em mentira. E por isso as justiças que andaram mettidas no negocio das Trinas declaram *não haver vestigios*.

Teem razão.

E com estes devaneios não chegámos a provar a these que promettemos no ultimo artigo.

Fica para o artigo que se segue.

(1) White, *Histoire de la Lutte entre la Science et la Theologie*, traduc. franc.

D. Carlos no Porto

Sua Magestade vae ao Porto.

Como propaganda monarchica e estratagema eleitoral não presta.

O Manuel Firmino, cá d'Aveiro, tinha mais geito e muito mais recursos para negocios d'essa ordem.

E o Sentieiro, do Porto, tambem não era mau.

TEM MUITA RAZÃO

Lê-se no *Dia*:

«Hoje não ha perigo algum de que os boers invadam o districto de Lourenço Marques fazendo d'elle base para correrias, e podemos asseverar que tal é o parecer de quasi todas as pessoas que conhecem esse districto e o terreno transwaliano adjacente. Quando muito, poderiam alguns bandos, montados, passar de um para outro ponto do Transwaal atravéz os nossos sertões; mas esses bandos seriam expulsos pelo proprio paiz inhospito, e ainda bem que o seriam, porque quasi não ha meio de os impedir de lá entrarem! A expedição, ainda que fosse duas vezes mais numerosa e tivesse, que não ha de ter, cavallaria capaz, não conseguiria guarnecer e vigiar a nossa fronteira para os lados do Zutansberg, não só por ella ser extensa, senão tambem e ainda mais por atravessar regiões quasi inhabitaveis. Oxalá se não lembrem de mandar estacionar n'essas regiões tropas européas!

E', pois, quasi certo que os soldados do general Sousa Telles ficarão em Lourenço Marques e, quando muito, em Ressano Garcia, a perguntarem uns aos outros o que foram lá fazer, desgostosos por se sentirem inuteis, escandalisados por se sujeitarem a trabalhos em vão. E' provavel, tambem, que quando o *Benguella* chegar ao seu destino os inglezes já tenham tomado Komati-Poort, pois os ultimos telegrammas dizem que tem lá havido combates; e sendo assim, os boers nem como emigrados pacificos e desarmados poderão entrar nos em casa. O governo, porém, põe acima de todas as considerações e dos calculos mais simples da previdencia o capricho de não reconsiderar, e é esse capricho, apenas, que vae custar centos e centos de contos ao paiz, além de algumas vidas perdidas e muitas saudes arruinadas!

Veremos se os factos nos não dão razão!»

Tem muita razão.

Não queremos saber quaes são os motivos que guiam o sr. Antonio Ennes na sua campanha

contra a expedição. A verdade é que tem razão.

Desde os primeiros instantes, antes mesmo do *Dia* começar a combater as extravagancias do governo, accentuámos nós aqui quanto havia de especulação n'essas remessas continuas de expedições para a Africa.

Infelizmente, os nossos collegas da imprensa republicana teem a ingenuidade de julgar que desagradam ao exercito combatendo as expedições, e calam-se.

Ora o exercito é o primeiro que se sente offendido com as especulações que em seu nome e á sua sombra se estão praticando.

Não confundir o exercito com meia duzia de meninos fardados que escrevem nos jornaes, gosando e folgando em troca d'um servilismo constante aos altos poderes do estado. São esses meninos que enchem a bocca com os sacrificios, com as abnegações, com a disciplina, com a lealdade do exercito. São esses meninos que estão sempre promptos a dizer que o exercito recebe com enthusiasmo todos os disparates que sahem do ministerio da guerra. São esses, rabiscadores, compadres de rabiscadores, rabiscadores compadres d'outros rabiscadores, não rabiscadores conhecidos e corte de rabiscadores militares e paizanos, aquelles a quem os periodicos chamam pomposamente *officiaes distinctissimos* do nosso exercito.

São os *dentistas* da classe.

Ora para estes *gajos* o exercito está sempre contente porque para elles a vida é sempre rendosa e facil. Se estão em Portugal, são para elles todas as commissões, todas as conezias, todos os logares de commodidade. Se vão para a Africa, ainda não teem posto o pé no navio, quando embarcam, e já vão acariciando a condecoração com a pensão, que é quasi certa.

Mas os interesses d'esses são os *desinteresses* da grande maioria dos officiaes do exercito e é muito imaginar que estes sejam tão tolos que se prestem alegremente a servir de bode expiatorio.

Estes, modestos, sem aspirações nem pretensões, vivendo do seu soldo e contentando se com elle, estão completamente fóra d'esses jogos de *habilidades* em que vão interessados os *meninos bonitos*.

Calam-se, porque não pódem falar. Marcham, porque a disciplina os obriga a marchar. Mas, aliás promptos a dar á patria os serviços a que esta tem direito, vão dizendo aos seus botões que a expedição que marchou era completamente inutil, que, mesmo não sendo inutil, vae mal organisada e com um commando desnecessariamente apparatoso, e que são elles que pagam, afinal, com a ruina das suas saúdes, os incommodos das suas familias, etc, as velleidades de todos os ministros da guerra, os joguinhos dos governos e as baboseiras com que os *meninos bonitos* apregoam impunemente, nos papeis, a honra, a dedicação, a lealdade, a gloria do exercito.

Saibam isto os ingenuos collegas da imprensa republicana e acostumem-se a ter menos medo do exercito, que é um *papão* muito menos tenebroso e carrancudo de que o Padre Eterno, apezar do exercito ter por si as espingardas e os canhões que sempre são mais temerosos que as trovoadas, que é o unico recurso do Padre Eterno, afinal.

O rei da Belgica em Lisboa

O rei da Belgica esteve em Lisboa, sem ninguem dar por elle.

Vá lá, que já é uma vantagem da civilisação.

Companhia Singer

Esta Companhia obteve o maior premio na exposição de Paris, como se vê do annuncio que adeante publicamos.

Na verdade as machinas de costura SINGER são ainda as melhores que conhecemos.

Sempre os mesmos

O sr. Firmino de Vilhena é o informador em Aveiro do «Annuario Commercial».

Ora reparem, que é curioso.

A noticia sobre Aveiro começa assim:

> AVEIRO.—Cidade elevada a esta categoria em 1759, por El Rei D. João I; capital do districto da mesmo nome, banhada pela ria tambem do mesmo nome, em que se ramifica o Vouga.—A cidade possue um magnifico lyceu, um lindo jardim devido á iniciativa do conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia, um mercado coberto, de ferro e granito, devido tambem áquelle benemerito aveirense de quem tomou o nome, e um bello caes que a liga com a ria.—Tem egrejas e conventos muito notaveis, taes como o de Jesus e Carmelitas; entre aquellas destacam-se as de Jesus, Misericordia, Nossa Senhora da Gloria, do Carmo e da Apresentação.—São muito apreciados os ovos molles de Aveiro. Tem um asylo-escola.

Como vêem, vae muito citada a *iniciativa* do *benemerito aveirense* Manuel Firmino d'Almeida Maia. Mas nem uma palavra sobre a iniciativa dos outros!

Assim, do lyceu diz-se que é magnifico, mas não se diz a quem é devido. Sobre a estatua de José Estevão nem uma palavra!

E para quê? Desde que nós temos um mercado de ferro e granito,—essa oitava maravilha do mundo,—tudo o mais fica na sombra. E' claro!

De jornaes, o «Annuario» só cita o «Campeão das Provincias», o «Districto de Aveiro» e os «Successos». Do «Povo de Aveiro» e da «Vitalidade», que não são da panellinha, antes desfazem a panella em cacos de vez em quando, nem uma palavra!

Moita, em relação á «Minerva Central» do nosso amigo José Bernardes da Cruz, que é, aliás, a unica de Aveiro nas condições de se citar. Mas como faz concorrencia á do «Campeão das Provincias», só esta é que apparece no «Annuario» como a unica typographia de impressão em Aveiro.

Na designação—«Mestre de Obras»—só apparece o nome do sr. Antonio de Souza. E', pois, o sr. Antonio de Souza o *unico mestre d'obras* que ha em Aveiro.

Soberbos!

Entre os capitalistas d'Aveiro figura o sr. José Maria Barbosa de Magalhães.

Caspité!

Então com quê, capitalista! Não sabiamos que estava tão alentado.

De phylarmonicas, só cita a «Phylarmonica Aveirense».

Da «Phylarmonica Amizade», que não é do partido, nem pio!

São uns grandes ratões e a nós diverte-nos disfructal-os.

Mas, diga se a verdade, Aveiro só gosta d'estes ratoesinhos, só com elles se dá bem, só a elles os deixa, á vontade, viver e medrar. D'onde se vê que sempre teem alguma razão os de Sarrazola, Cacia, Canellas, etc, quando dizem:

«Compadre da Serra e amigo de Aveiro *prantam* um homem no atoleiro.»

Olá se *prantam!*

E' vêr pelo «Annuario Commercial» o que elles são. Mais aquillo não passa d'uma *amostrasinha*.

«Compadre da serra e amigo d'Aveiro prantam um homem no atoleiro.»

Olá se prantam!

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 12 a 14

NO PAIZ DA PASPALHICE

Mais quatro duellos que ficaram no chôco.

O sr. Urbano de Castro mandou testemunhas ao sr. Meira e Souza. O sr. Meira e Souza lá se explicou como quiz. Mas como entrasse na *conversa* o nosso amigo João de Menezes, as testemunhas do sr. Urbano foram para o Porto entender se com o sr. Menezes. O sr. Menezes disse tambem qualquer coisa. E as testemunhas do sr. Urbano declararam immaculada a honra do seu constituinte.

O sr. Lima, o alferes que aggrediu o redactor do *Seculo*, mandou testemunhas a outro redactor do *Seculo*, o sr. Vieira Correia, ou Correia Vieira. Não nos lembra agora se é antes o Vieira se é depois. Mas se ha offensa, pedimos de culpa. Não haja testemunhas por causa d'isso.

Senhor Vieira Correia ou senhor Correia Vieira declarou que não se batia com sr. Lima. Testemunhas de sr. Lima tiraram á sorte qual d'ellas havia de ir á batedella com sr. Vieira. Mas testemunhas de sr. Vieira declararam que a coisa nada tinha com a honra das testemunhas de sr. Lima e batedella ficou para outra vez.

Emfim, tambem houve um desaguisado qualquer entre os srs. Dias Costa e Gomes da Costa, mas tambem ahi se metteu a Senhora da Paz.

Ora, francamente, que ganharam os senhores todos com tanto espalhafato?

Se os senhores não andam com esses espectaculos, ninguem dava pelo que tinha havido ou deixado de haver entre os senhores, nem ninguem pensava na honra de v. ex.as, que continuava sendo uma coisa séria e grave como a honra de todo o mundo. Assim, alarmaram todo o paiz para o paiz, no fim de contas, encolher os hombros e sorrir.

Não venham para cá com a durindana, que nós desde já declaramos que não temos intenção de offender v.as ex.as. Vossas excellencias são todos pessoas muito respeitaveis. Não ha duvida. Mas a verdade é esta: é que v.as ex.as fizeram com que todo o paiz encolhesse os hombros e sorrisse, o que é tanto mais de notar quanto mais respeitaveis vossas excellencias são.

E' o que nós, como espectadores d'esse espectaculo publico e como protestantes n'essa maneira de considerar a honra, notamos.

A honra de v.as ex.as só ganhou em toques alegres. No fundo a mesma honra. Mais alegrinha, agora. E eis tudo!

Por isso, não é sem algum fundamento que os francezes dizem:

Les portugais sont toujours gais.

Houve tempo em que nós suppunhamos o portuguez sorumbatico e não percebiamos como raio os francezes o achavam alegre.

Mas com o tempo mudámos de opinião e hoje não temos duvida nenhuma em acceitar a verdade dos francezes.

Não ha duvida.

E' mesmo certissimo.

Les portugais sont toujours gais.

Uma cornada

Os bois de Aveiro passam por mansos. Mas d'esta vez desmentiram a fama.

Um collega do Joãosinho investiu com uma creança, na quarta-feira passada, e atravessou-lhe o pescoço com uma cornada.

A creança morreria se o homem do rabecão, que é sagrado n'estas coisas, não deitassem a benção á pobre creancinha.

Felizmente está melhor.

EÇA DE QUEIROZ

E

AS SUAS OBRAS

(Do *Crime do Padre Amaro*)

«Foi o conego Dias que participou ao padre Amaro o casamento de Amelia, uma manhã, na Sé. Fallou no «a proposito do enlace», e accrescentou:

— Eu estimo, porque é a contento da rapariga, e é um descanso para a pobre velha...

— Está claro, está claro...— murmurou Amaro que se fizera muito branco.

O conego pigarreou grosso, e ajuntou:

— E vossê agora appareça por lá, agora está tudo na ordem... A patifaria do jornal isso pertence á historia... O que lá vae, lá vae!

— Está claro, está claro...— rosnou Amaro. Traçou bruscamente a capa, sahiu da egreja.

Ia indignado; e continha-se, para não praguejar alto, pelas ruas. A esquina da viella das Sousas quasi esbarrou com Natario, que o agarrou logo pela manga, para lhe assoprar ao ouvido:

— Ainda não sei nada!

— De quê?

— Do *liberal* do *Communicado*. Mas trabalho, trabalho!

Amaro, que anciava por desabafar, disse logo:

— Então ouviu a novidade? O casamento de Amelia... Que lhe parece?

— Disse-me o animal do Libani-

---

(57) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXII

«Eu juro-te pelo que tu não crês, pelo Evangelho que ensina a nossa Egreja, pelo poder que ella tem de ligar e desligar, que a minha resolução é irrevogavel e absoluta. Não se trata de uma brincadeira. Prisioneiros mil vezes mais distinctos do que tu morreram entre estas paredes sem ninguem saber o que foi feito d'elles! Mas comparada com a morte lenta que te está reservada, a d'elles foi uma delicia.

Fez novamente signal aos escravos para se approximarem e fallou-lhes a meia voz, na sua propria lingua; porque elle tambem tinha pelejado na Palestina, onde talvez aprendera a ser cruel. Os sarracenos tiraram dos cabazes uma porção de carvão, uns folles e um frasco d'azeite. Emquanto um fazia lume com um fuzil e uma pederneira, o outro dispunha o carvão na grande grelha de que atraz falámos; e depois assopraram o lume até que a grelha se fez rubra.

— Isaac, tornou Testa-de-Boi, tu vês aquellas barras de ferro por cima dos carvões em braza? E' a cama ardente sobre que vaes ser estendido completamente nú, como se fosses repousar n'um leito de plumas. Um d'estes escravos ateará o lume debaixo de ti emquanto o outro untará de azeite os teus membros miseraveis para não deixar arder o assado. Agora, decide-te: ou a cama ardente ou o pagamento de mil libras de prata; porque, pelos ossos de meu pae! não tens outra alternativa.

— Isso é impossivel! exclamou o miseravel judeu. E' impossivel que isso seja verdade. O bom Deus da natureza não póde ter feito um coração capaz de praticar tal crueldade!

— Não julgues isso, Isaac, disse Testa-de-Boi; seria um erro fatal para ti. Suppões que eu, que vi saquear uma cidade, na qual milhares de christãos meus compatriotas encontraram a morte na ponta das espadas, na agua e no fogo, vá mudar de tenção por causa dos gritos ou das lamentações de um miseravel judeu, ou que estes escravos pretos, para quem a lei, o paiz e a consciencia se resumem na vontade de seu amo, e que, ao menor signal, empregam o veneno ou o dardo, o punhal ou a corda, vão ter piedade, se nem sequer comprehendem a lingua em que tu lh'a pedirias? Pensa bem, ancião; desembaraça-te de uma porção da riqueza que tens a mais, restitue ás mãos de um christão uma parte do que á força d'usura roubaste aos outros christãos. A tua astucia póde em pouco tempo encher o rombo que fizere na bolsa, mas, depois de te deitares n'aquellas barras, nem medicos nem medicinas te restaurarão a carne e o couro queimados. Conta-me a quantia que te peço, digo-t'o eu, e contenta te em sahir por este preço de um carcere de que bem poucas boccas podem contar os segredos. Mas basta de gastar palavras comtigo,—escolhe entre as tuas escorias e a tua carne e o teu sangue, e como escolheres assim será.

— Abrahão, Jacob e todos os patriarchas do povo de Deus me venham em auxilio! exclamou Isaac. Como posso eu escolher se não tenho os meios de satisfazer um pedido tão exorbitante!?

— Pegae n'elle, escravos, e despi-o, disse o cavalleiro, e que os seus patriarchas lhe venham em auxilio se o podem fazer!

Os escravos, guiando-se mais pelos olhos e pelos gestos do nobre mando do que pelas suas palavras deram alguns passos para a frente, deitaram as mãos ao infeliz Isaac, levantaram-n'o do canto em que elle estava acocorado, e, pondo-o em pé entre elles, esperaram que deshumano barão lhes fizesse o ultimo signal. O desgraçado judeu

nho. Diz que o rapaz apanhou o emprego... Foi o doutor Godinho... E' outro que tal!... Veja vossê esta corja: o doutor Godinho ás bullas no jornal com o governo civil, e o governo civil a atirar postas aos afilhados do doutor Godinho... Vá lá entendel-os! Isto é um paiz de biltres!

— Diz que grande alegrão na casa da S. Joanneira!—disse o parocho, com um azedume negro.

— Que se divirtam! Eu não tenho tempo de lá ir... Eu não tenho tempo para nada!... Eu cá ando no meu fito, saber quem é o *liberal* e escachal-o! Não posso vêr esta gente que leva a chicotada, coça-se, e curva a orelha. Eu cá não! eu guardo-as! —E, com uma contracção de rancor que lhe curvou os dedos em garra e lhe encolheu o peito magro, disse por entre os dentes cerrados: —Eu, quando odeio, odeio bem!

Esteve um momento calado, gozando o sabôr do seu fel.

— Vossê se fôr á rua da Misericordia dê lá os parabens a essa gente... — E acrescentou com os olhinhos em Amaro: —O palerma do escrevente leva a rapariga mais bonita da cidade! Vae encher o papo!

— Até á vista! exclamou bruscamente Amaro, abalando pela rua furioso.»

O fito do padre Natario, como elle mesmo disse ao padre Amaro, era descobrir o auctor do *Communicado* que a «Voz do Districto» publicou contra os ecclesiasticos que frequentavam a casa da S. Joanneira.

Não podendo descobrir nada por outro meio, lembrou-se de appellar para o confessor da mulher do proprietario da «Voz do Districto», o padre Silvestre. E' certo que andava de mal com este, por terem jogado uma vez a pancada na sachristia da Sé. Mas para grandes males grandes remedios. Poz-se de bem com o padre Silvestre e conseguiu que elle arrancasse o segredo, no confessionario, á mulher do dr. Godinho, proprietario do periodico.

«D'ahi a dias tinha havido na Sé o Officio de corpo presente pelo rico proprietario Moraes, que morrera de um aneurisma, e a quem sua esposa (em penitencia decerto dos desgostos que lhe déra com a sua affeição desordenada por tenentes de infanteria) estava fazendo, como se disse, «exequias de pessoa real». —Amaro desvestira-se, e na sachristia, á luz de um velho candieiro de latão, escrevia assentos atrazados, quando a porta de carvalho rangeu, e a voz agitada de Natario disse:

— O' Amaro, vossê está ahi?

— Que temos?

O padre Natario fechou a porta, e atirando os braços para o ar:

— Grande novidade, é o escrevente!

— Que escrevente?

— O João Eduardo! E' elle! E' o *liberal!* Foi elle que escreveu o *Communicado!*

— Que me diz vossê!? —fez Amaro attonito.

— Tenho provas, meu amigo! Vi o original, escripto pela letra d'elle. O que se chama *vêr*! Cinco tiras de papel!

Amaro, com os olhos esgazeados, fitava Natario.

— Custou! exclamou Natario. Custou, mas soube se tudo! Cinco tiras de papel! E quer escrever outro! O senhor João Eduarao! O nosso rico amigo senhor João Eduardo!

— Vossê está certo d'isso?

— Se estou certo!... Estou a dizer-lhe que vi, homem!

— E como soube vossê, Natario?

Natario dobrou-se; e com a cabeça enterrada nos hombros, arrastando as palavras:

— Ah, collega, lá isso... Os *comos* e os *porquês* .. Vossê comprehende... *Sigillus magnus!*

E com uma voz aguda de triumpho, a largos passos pela sachristia:

— Mas ainda isto não é nada! O senhor Eduardo que nós viamos alli na casa da S. Joanneira, tão bom mocinho, é um patife antigo! E' o intimo do Agostinho, o bandido da *Voz do Districto!* Está mettido na redacção até altas horas da noite... Uma orgia, vinhaça, mulheres... E gaba se de ser atheu... Ha seis annos que se não confessa... Chama-nos a *canalha canonica*... E' republicano !. Uma féra, meu caro senhor, uma féra! (1)

Amaro, escutando Natario, arrumava atarantadamente, com as mãos trémulas, papeis no gavetão da escrivaninha.

— E agora?... perguntou.

— Agora? exclamou Natario. Agora é esmagal-o!

Amaro fechou o gavetão, e muito nervoso, passando o lenço pelos labios seccos:

— Uma assim, uma assim! E a pobre rapariga, coitada... Casar agora com um homem d'esses... Um perdido!

Os dois padres então olharam-se fixamente. (2) No silencio, o velho relogio da sachristia punha o seu *tic tac* plangente. Natario tirou da algibeira dos calções a caixa do rapé, e com os olhos ainda fixos em Amaro, a pitada nos dedos, disse sorrindo friamente:

— Desmanchar-lhe o casamentosinho, hein?

— Vossê acha? perguntou sôfregamente Amaro.

— Caro collega, é uma questão de consciencia... Para mim era uma questão de dever! Não se póde deixar casar a pobre pequena com um bréjeiro, um pedreiro-livre, um atheu...

— Com effeito! com effeito! murmurava Amaro.

— Vem a calhar, hein? fez Natario; e sorveu com gozo a pitada. (3)

Mas o sachristão entrou; eram as horas de fechar a egreja; vinha perguntar se suas senhorias se demoravam.

— Um instante, sr. Domingos.

E, emquanto o sachristão corria os pesados ferrolhos da porta interior do pateo, os dois padres muito chegados falavam baixo.

— Vossê vae ter com a S. Joanneira, dizia Natario. Não, escute, é melhor que lhe fale o Dias; o Dias é que deve falar á S. Joanneira. (4) Vamos pelo seguro. Vossê fale á pequena e diga-lhe simplesmente que o ponha fóra de casa!—E ao ouvido de Amaro:—Diga á rapariga que elle vive ahi de casa e pucarinho com uma desavergonhada!

— Homem! disse Amaro recuando, não sei se isso é verdade!

— Ha de ser. Elle é capaz de tudo. E depois é um meio de levar a pequena...

E foram descendo a egreja atraz do sachristão, que fazia tilintar o seu múlho de chaves, pigarreando grosso.

Nas capellas pendiam as armações de paninho negro aguloadas de prata; ao centro, entre quatro fortes tocheiras de grosso murrão, estava a eça, com o largo pano de velludilho cobrindo o caixão do Moraes, recahindo em prégas franjadas; á cabeceira tinha uma larga corôa de perpetuas; e aos pés pendia, d'um grande laço de fita escarlate, o seu habito de cavalleiro de Christo.

O padre Natario então parou; e tomando o braço de Amaro com satisfação:

— E depois, meu caro amigo, tenho outra preparada ao cavalheiro...

— O quê?

— Cortar-lhe os viveres!

— Cortar-lhe os viveres!?

— O pateta estava para ser empregado no governo civil, primeiro amanuense, hein? Pois vou lhe desmanchar o arranjinho!... E o Nunes Ferral que é dos meus, homem de bons idéas, vae pôl-o fóra do cartorio .. E que escreva então *Communicados!*

Amaro teve horror áquella intriga rancorosa:

— Deus me perdôe, Natario, mas isso é perder o rapaz...

— Emquanto o não vir por essas ruas a pedir um bocado de pão, não o largo, padre Amaro, não o largo!

— Oh, Natario! oh, collega! isso é de pouca caridade... Isso não é de christão... E então aqui que Deus está a ouvil-o... (5)

— Não lhe dê isso cuidado, meu caro amigo... Deus serve-se assim, não é a resmungar Padre-nossos. Para impios não ha caridade! A inquisição atacava-os pelo fogo, não me parece mau atacal-os pela fome. Tudo é permittido a quem serve uma causa santa... Que se não mettesse commigo!

Iam a sahir; mas Natario deitou um olhar para o caixão do morto, e apontando-o com o guarda-chuva:

— Quem está alli?

— O Moraes, disse Amaro.

— O gordo, picado das bexigas?

— Sim.

— Boa bêsta! (6)

E depois d'um silencio:

— Foram os Officios do Moraes... Eu nem dei por isso, occupado lá na minha campanha... E a viuva fica rica. E' generosa, é presenteadora... Quem a confessa é o Silverio, hein? Tem as melhores pechinchas de Leiria, aquelle elephante! (7)

Sahiram. A botica do Carlos estava fechada, o céo muito escuro.

No largo, Natario parou:

— Resumindo: o Dias fala á S. Joanneira, e vossê fala á pequena. Eu por mim me entenderei com a gente do governo civil e com o Nunes Ferral. Encarreguem-se vossês do casamento, que eu me encarrego do emprego!—E batendo no hombro do parocho jovialmente:—E' o que se póde dizer atacal-o pelo coração e pelo estomago! E adeusinho, que as pequenas estão á espera para a ceia! Coitadita, a Rosa tem estado com um defluxo!... E' fraquita, aquella rapariga, dá-me muito cuidado... Que eu em a vendo murcha até perco logo o somno. Que quer vossê? Quando se tem bom coração... (8) — Até ámanhã, Amaro.

— Até ámanhã, Natario.

E os dois padres separaram-se, quando davam nove horas na Sé.

(Continúa.)

(1) Para elucidação dos leitores diremos que o pobre João Eduardo era um inoffensivo e honesto rapaz. O padre Natario calumniava-o para fazer *vender a coisa.*

(2) Comprehenderam-se na infamia que tinham em mente, que fera vingar-se do rapaz e roubar-lhe a rapariga.

(3) Agora desmascaram-se.

(4) O Dias, o conego Dias, era o amante da S. Joanneira.

(5) E' magnifico este colloquio dentro da egreja e ao pé d'um morto. Como elles entendem a caridade e o temor de Deus!

(6) Soberbo!

(7) Admiravel!

(8) Este final do bom coração do padre Natario vale por si um poema.

olhava para as caras d'elles e para a de Testa-de-Boi na esperança de enxergar algum vislumbre de enternecimento. Mas a de Testa-de-Boi mostrava o mesmo sorriso frio, meio carrancudo e meio sarcastico, que servira de preludio á sua crueldade; e os olhos dos selvagens sarracenos, brilhando sombriamente por baixo das suas negras sobrancelhas, apresentavam uma expressão sinistra, para o que concorria a brancura das orbitas, e apparentavam antes sentir um prazer secreto com a proxima scena do que reluctancia em serem os seus executores. Então o judeu olhou para a fornalha ardente em que iam estendel-o, e, não vendo probabilidade de commover os seus algozes, sentiu fraquejar a sua firmeza.

— Quero pagar, disse elle, as mil libras de prata... isto é, accrescentou depois de uns momentos de pausa, pagal-as-hei com a ajuda de meus irmãos, porque preciso de pedir como um mendigo á porta da nossa synagoga para conseguir obter semelhante quantia. Quando e onde deve ella ser entregue?

— Aqui, respondeu Testa-de-Boi, aqui é que ella deve ser entregue e pesada,—pesada e contada sobre o proprio chão d'este carcere. Imaginas por ventura que eu te deixarei partir antes de ter recebido o teu resgate?

— E que garantia terei eu, disse o judeu, de ser restituido á liberdade depois de pago o resgate?

— A palavra de um nobre normando, vil usurario, que é mais pura do que o ouro e a prata de toda a tua tribu.

— Eu peço-vos perdão, nobre senhor, disse Isaac timidamente, mas por que razão me hei de eu fiar na palavra de quem se não fia na minha?

— Porque não podes deixar de o fazer, respondeu o cavalleiro cynicamente. Se tu estivesses agora na tua casa dos thesouros em York e eu te fosse pedir dinheiro, eras tu que me impunhas o praso de pagamento e as garantias de segurança. A minha casa de thesouro é esta; tu estás á mercê da minha vontade, e eu não estou para te repetir as condições que te impuz para recuperares a liberdade.

O judeu suspirou profundamente.

— Pelo menos, disse elle, juntamente com a minha liberdade garante-me a dos meus companheiros de jornada. Elles desprezavam-me por eu ser judeu, e no entanto tiveram piedade do meu desespero;

Almanach Illustrado

A importante casa editora de Antonio Maria Pereira, de Lisboa, editou, com o titulo da epigraphe, um novo almanach para 1901, cuja offerta agradecemos.

E' excellente na parte artistica e na parte litteraria.

Traz no fim o catalogo dos livros á venda na importante livraria de Lisboa.

ANNUNCIOS

ESCOLA DISTRICTAL
DE
AVEIRO

José Marques de Castilho, Professor e Director da Escola Districtal de Habilitação para o Magisterio Primario d'Aveiro, etc.

FAÇO saber que desde 1 a 5 de outubro se recebem na Secretaria d'esta Escola das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde os requerimentos para admissão á matricula no 1.º e 2.º anno do curso do magisterio.

Os candidatos á matricula no 1.º anno devem collar ao requerimento dirigido ao Director da Escola uma estampilha de propina de 3:190 réis e juntar-lhe a certidão do exame de Instrucção Primaria, a certidão de edade e attestado do facultativo, nos termos da alinea a) do § 2.º do art.º 55 e dos n.º 1 e 2 do art.º 66 da II parte do Regulamento Geral de Ensino Primario. Os candidatos á matricula no 2.º anno estão sujeitos á mesma propina (§ 1.º do já citado art.º 55 e offi. da Direcção Geral n.º 876 de 12 de junho de 1899) e devem declarar no requerimento a escola e epoca precisa em que fizeram o exame de *Passagem* e juntar a certidão d'este exame.

Todos os documentos devem ser sellados e reconhecidos por notario d'esta cidade.

Egualmente se faz publico que nos mesmos dias está aberta a matricula para os alumnos que desejarem seguir apenas o curso de instrucção primaria complementar (n.os 1 e 2 do art.º 7 e § unico do art.º 125) e para os que desejarem frequentar a Escola Primaria Annexa a esta Escola Districtal.

As aulas abrem no dia 10 de outubro ás 9 horas da manhã.

Escola Districtal de Aveiro, 12 de setembro de 1900.

O Director,

José Marques de Castilho.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, gallinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Com.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES!

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—**AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos